

# Alteridade e desejo em Lévinas

Ronaldo da Costa Formiga (\*)

## Introdução: Eros e subjetividade

A partir de uma análise sobre a essência da relação erótica, Lévinas busca compreender aquilo que simboliza a referida relação que ele nomeia como sendo a carícia. Qual é o objetivo, a intenção e a intencionalidade que propulsiona a carícia? O que a move enquanto pensamento? São as perguntas das quais o autor parte em sua obra “Totalidade e Infinito”. Fundamentalmente, trata-se de uma abordagem da subjetividade em termos de intencionalidade.

Inicialmente, ocorre o exame da relação da carícia ao “sensível”. Ao mesmo tempo em que a carícia é sensibilidade, ela transcende o sensível sem ir mais além do sentido. A carícia seria, para Lévinas, puro movimento de transcendência. Essa busca de algo que ultrapassa o sensível não leva a carícia a apreender o “sublime”. A transcendência não a leva ao suprasensível. Neste sentido, Lévinas combate a concepção da relação erótica, presente, por exemplo, em Platão. Neste, o objeto do amor é a contemplação da beleza de um corpo. O objeto amoroso é descrito, em Platão<sup>1</sup>, em termos visuais. O amante procura a beleza (ou a *Beleza*), que o faz partir do desejo e sair da beleza de um corpo para a beleza do corpo enquanto tal, indo, em seguida, para a beleza das almas até atingir a *Ideia do Belo*, a qual se constitui na essência, para Platão, da relação erótica. O amante procura a identidade e a unicidade eternas do *Belo* em si. O *Eros* platônico é, basicamente, o que, em Psicanálise, definiríamos como da ordem da pulsão escópica, isto é, é um “ver” que, no caso, leva à contemplação do suprasensível (a sublimidade da *Beleza* inteligível).

Lévinas não define o ato do sujeito amoroso como um ver, mas como um *tocar* e, simultaneamente, também não o descreve em termos de beleza. A carícia é contato que se autotranscende. O contato erótico é um contato que não se esgota nele mesmo, ele persegue a transcendência da pura relação sensível sem almejar o “mais-além platônico”. A transcendência,

---

(\*) Doutor em Comunicação (UFRJ) e professor do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação do Estado do Rio de Janeiro (ISERJ/FAETEC).

<sup>1</sup> Platão, *Col. Os Pensadores*, ed. Nova Cultura Ltda., 2000.

na verdade, quer a si própria, permanentemente. A transcendência da carícia na relação erótica, segundo Lévinas, alimenta-se de sua própria fome. Não há um ponto final a atingir. Nada (nenhum corpo, nenhum toque) satisfaz a transcendência que inere à *Eros*. A essência do desejo reside aí (tal qual a Psicanálise<sup>2</sup> nos ensina), trazendo-nos a ideia de algo não capturável e associado à identificação do sujeito com a perda.

### **Intencionalidade em Lévinas**

A intencionalidade erótica própria ao *toque*, à carícia, não supõe a emergência de uma presença. Inversamente, ela está ligada ao que escapa, sendo, então, ocultamente, *véu*. Trata-se, nos termos do autor, de “algo que ainda não está lá”. Não há *telos* na transcendência pela intencionalidade erótica, ao contrário, há busca, puro movimento de transcendência. O desejo é a “marcha em direção ao invisível”, o que torna toda relação erótica intrinsecamente inacabada. A carícia e/ou toque não visa a posse do corpo do outro, mas a busca pela busca. Ela também não visa o corpo enquanto tal ou a beleza (Platão), mas a ausência. A intencionalidade erótica, e Lévinas, não almeja fazer surgir o desejo, pois este só se dá naquilo que escapa e o que escapa diz respeito, segundo nosso autor, à feminidade (enquanto categoria não psicológica, mas ontológica). O desejo renasce sem cessar, na medida mesmo em que ele não se concretiza jamais, pois ele é busca do que “ainda não é”. O desejo não é provocado pelo outro, porque ele está sempre presente na eterna ausência do que poderia por um termo a ele. O desejo é para Lévinas, inviolável; como o feminino, como a virgindade do feminino. A que está se referindo Lévinas com esta afirmativa? Ao fato de que a posse do objeto inexistente para o desejo ou, o que é equivalente, o que renasce, incessantemente, é o outro enquanto “ainda não possuído”, que se constitui no elemento que alimenta o desejo. É exatamente isso que *Eros* busca: a virgindade irreduzível, para além da posse, uma vez que esta é intransponível, inviolável<sup>3</sup>. Não há o desvendar de uma dimensão secreta do real, mas abertura para uma “estranha dimensão de ausência que, corresponde ao *não-ser* (ou ao que “ainda não é”): o feminino”<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Nem tão próximo ao caráter espontaneamente alucinatório do desejo como processo, segundo a visão freudiana, e mais em harmonia com a visão lacaniana que acentua a inadequação e a falta como definidora do desejo.

<sup>3</sup> Neste sentido, Lévinas coloca que o desejo é, em verdade, desejo da virgindade do feminino.

<sup>4</sup> Comparar essas colocações de Lévinas sobre o enigma que constitui o feminino (mesmo sabendo-se tratar de uma categoria ontológica) e certas considerações atuais sobre o feminino (enquanto categoria psicológica e sociológica) como agenciamento de normatização na contemporaneidade.

Não há dúvida que o autor está emprestando ao feminino uma posição excepcional na economia do ser. No entanto, mais uma vez, não se trata de um “mistério psicológico”, mas um “mistério ontológico”. Este diz respeito ao caráter enigmático de um modo de ser. O enigma em questão se refere ao “mais além do ente” a que o feminino corresponderia e que não revela ou não é um nada e, tampouco, um simples futuro ser. Lévinas cria o termo “*Eterno Feminino*” para elucidar essa ideia de um mistério ontológico referente ao objeto do desejo. Este é definido como um “ainda não ser” (não é um *nada*<sup>5</sup>), que, ao mesmo tempo, não quer ser. O feminino (assim como o desejo) é uma “fuga diante da luz”.

Neste sentido, Lévinas afirma que o modo de existir do feminino é ocultando-se, o que corresponde à ideia de *pudor*. O pudor subsistiria, enquanto não-ser, na própria nudez absoluta, na presença e/ou ser. A eternidade do feminino é um “acontecimento no existir”<sup>6</sup> (é mais do que um nada), mas, simultaneamente, está além da “hipóstase pela qual surge um existente”<sup>7</sup> (não é da ordem do ser). A eternidade do feminino diz respeito ao que sempre (ou eternamente) ainda não é o que a configura como um quase não-ser (ou, em outras palavras, “a virgindade para sempre inviolada”).

Resta, nestas breves linhas, esclarecer a relação, estabelecida pelo autor, entre o feminino e a alteridade. O feminino corresponde ao surgimento da alteridade, ao que escapa à apreensão do mesmo, que é a essência do ato da consciência. Este visa conferir a algo sua identidade. Dessa maneira, o feminino é o símbolo da intencionalidade erótica cuja finalidade é a ruptura da imanência e, conseqüentemente, a emergência da transcendência. Quando foi afirmado anteriormente que o toque (a carícia) está mais além do sensível, o que Lévinas visava definir é a transcendência da alteridade inerente ao desejo. É, neste momento, que se dá a ruptura da identidade e da imanência da consciência a si mesma. O feminino é uma relação com a dimensão da alteridade, o que corresponde à ideia de um “mistério ontológico”.

### **O corte na imanência**

Outro ponto importante nessa discussão é o que se refere à diferentes possibilidades de “profanação” da imanência. Lévinas traz uma reflexão interessante sobre a *insônia*,

---

<sup>5</sup> Como nas colocações de Sartre, que faz da intencionalidade erótica a produção de uma identidade (a vontade de dominar a liberdade do outro ou capturar a consciência), o desejo, em Lévinas, não busca fazer surgir o outro como *carne*; ele visa (e, mais precisamente, a carícia) uma misteriosa ausência, que não é a ausência do nada. Ver o trabalho de Sartre, P., “L’Être et le Néant”, Tel/Gallimard, Paris, 1979.

<sup>6</sup> Ver Lévinas, E., “Le Temps et l’Autre”, Coll, “Quadrige”, Paris, 1983.

<sup>7</sup> Ibid., p. 79

compreendida como dissolução do sujeito que em muito se assemelha à reflexão elaborada por Heidegger sobre a *angústia*.<sup>8</sup>

O que se observa na perspectiva fenomenológica de Lévinas é uma tentativa de solucionar o problema da comunicação entre sujeitos-mônadas (resolvido, até então, a partir da metafísica de uma harmonia preestabelecida), com base em suas considerações sobre o “erótico”. O que significa pensar a comunicação enraizando-a no “erótico”? Para responder esta pergunta, é preciso retornar o tema da transcendência.

É possível supor a relação erótica como a experiência de uma transcendência para o sujeito, na medida em que o alvo do “erótico” é a própria alteridade. Enquanto figura do outro, a feminidade revela a alteridade sem conduzir à despersonalização do *Eu*. Na experiência erótica, afirma Lévinas, não ocorre o anonimato, mas intersubjetividade sem fusão, cada qual (sujeito) subsiste como tal, embora a ilusão da imanência seja rompida. Na dialética do *Mesmo* e do *Outro*, não há mais absorção ou integração do *Outro* no *Mesmo*. O “erótico” é uma modalidade de comunicação, onde se estabelece um intercâmbio renovado do *Mesmo* e do *Outro*.

É com base em suas reflexões sobre o “erótico” que Lévinas faz uma comparação entre a *noite erótica* e a *noite de insônia*. A ideia de consciência da subjetividade está associada, para o autor, à especificação do haver, ou seja, o fato bruto da existência das coisas é provisoriamente suspenso, em favor da particularização concedida a este ou aquele objeto, dotado de identidade e alvo da consciência. Seria essa capacidade de esquecer o *haver* que traduz a capacidade de dormir para a consciência e que a insônia mostraria ter fracassado. O que se constata na insônia, assinala Lévinas, é a opressão da presença. (do haver) que faz com que seja mantido o vínculo ao ser. Na presença (do haver) estão incluídas a consciência e tudo que a ela é exterior. De forma semelhante, vimos que, em Heidegger, a angústia (em sua analítica do *Dasein*) subverte a subjetividade ao desfazer as ilusões do sujeito quanto a sua capacidade de subjugar o real. A angústia, na concepção heideggeriana, apesar de se constituir em uma disposição privilegiada para a explicação do ser da presença (conceito heideggeriano) e levar à subversão da subjetividade, produz espaço para a singularidade, na medida em que se processa a superação do mundo compreendido enquanto imersão no impessoal (é a noção de de-cadência, apresentada por Heidegger).

---

<sup>8</sup> Ver a obra de Heidegger, M., *Ser e Tempo*, Vol. I, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 6ª Ed., 1997.

Assim como na angústia (Heidegger), a insônia (Lévinas) desfaz o sujeito. Não mais a consciência como subjetividade supondo uma vontade direcionada à identidade de um objeto, mas, ao contrário, pura dispersão do *Eu* ou o *Eu* absorvido pela indiferenciação do *haver*. Perda, portanto, de identidade pelo sujeito<sup>9</sup> (onde se cria a dissolução do sujeito ou do *Eu*) e se estabelece, pela angústia, a transcendência em relação a tudo o que a consciência pode dominar. É, neste sentido, que tanto a insônia, quanto a angústia conduzem à ruptura da imanência da consciência, o que leva esta a não ser mais capaz de crer na ilusão da autossuficiência. O *Dasein* (Heidegger) dissolve a subjetividade, realça o *haver* (da presença) e força à transcendência, o que produz singularidade.

Lévinas concebe a *noite da insônia* como “uma ruptura desastrosa da imanência” e a ela opõe a *noite* erótica, isto é, à alteridade anônima em que tudo se torna indiferenciado, observa-se uma alteridade que possui contornos, a face do objeto amado. A irrupção da transcendência acontece em ambos os casos. A dimensão da exterioridade que rompe a imanência a si da consciência tem modos diferentes de ocorrência. Em primeiro lugar, a transcendência do *haver*. Esta conduz à indiferença com que cada qual se situa neste mesmo *haver*. Segundo Lévinas, trata-se de uma experiência que é experiência do *Mesmo*, absorção das diferenças na homogênea presença do *haver*. A ruptura da imanência, aqui, é dissolução da subjetividade tanto no que diz respeito à ipseidade, quanto à intencionalidade (não há consciência de algo que possua uma identidade) A indiferença do *haver* leva ao sentimento de horror, ao não estar consciente e, ao contrário, a permanecer imerso no *haver*. Em segundo lugar, o “erótico” como forma de transcendência. A intencionalidade erótica, aqui presente, configura o sujeito enquanto consciência intencional que se defronta com algo sempre inacessível. É que o sujeito vive aqui uma ruptura da imanência, na medida em que, pelo outro, cada qual é atraído não pela indiferença, mas por sua particularidade. Comentando a ausência de fusão em toda relação erótica, Lévinas afirma: “Aquilo que apresentamos como fracasso da comunidade no amor constitui precisamente a positividade da relação: esta ausência do outro é precisamente sua presença como outro” (LÉVINAS, 1983).<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> O mesmo poderia ser dito quanto às formas virtuais contemporâneas de relacionamento estabelecidas pela Web. O momento do contato virtual (erótico ou não) é puro mergulho no “impessoal” da rede que não deixa de fornecer espaço para a projeção de possibilidades identitárias várias que acabam por resultar em um movimento de singularização, não importando e mesmo implodindo as próprias noções de real ou virtual

<sup>10</sup> Lévinas, E., “Le Temps et L’ Autre”, P.U.F., Coll. “Quadrige”, Paris, 1983.

## Conclusão

A abertura para o outro (através do “erótico”) se constitui na primeira alternativa prevista por Lévinas para a ruptura da imanência e uma nova concepção de subjetividade. Aliada a ela está a questão da responsabilidade originária (pelo outro) que nos traz a verdadeira essência da subjetividade prática em Lévinas. Este último conceito é estabelecido através do tema da intersubjetividade (ruptura da imanência) e da crítica à noção de autonomia em Kant. O que Lévinas supõe como sua rejeição ao humanismo clássico é a ideia de homem como situando sua dignidade no “sujeito livre”<sup>11</sup>. A esta visão, Lévinas contrapõe o *sujeito da ética*, que se configura enquanto sujeição e não propriamente autonomia.

Parece existir no pensamento de Lévinas certa dificuldade quanto a esta noção: autonomia. Quando o autor cria a antítese sujeição (o registro da ética) e autonomia (a “liberdade” humanista clássica), ele está trazendo para dentro do conceito de autonomia a ideia de independência que corresponde a uma leitura individualista da subjetividade. Autonomia e independência são, verdadeiramente, os termos em oposição e não, como explicita Lévinas, sujeição e autonomia. Este já supõe uma ruptura da imanência e, paralelamente, a abertura ao outro (da mesma maneira que a intencionalidade erótica o faz). Em Kant, por exemplo, prevalece o princípio da autonomia e uma crítica à moral da felicidade (independência) que atesta a referida divergência conceitual (autonomia versus independência) e reafirma o ideal humanista clássico da intersubjetividade. A noção da autonomia rejeita o sujeito como “fonte de si mesmo” e traz a concepção do sujeito prático, que corresponde à integração da minha ipseidade à presença do outro. É somente além da imediaticidade do sujeito empírico e por esta abertura à alteridade do gênero humano que o sujeito se torna autônomo, transcende a identidade a si (o sujeito definido a partir de suas inclinações individualistas) e atinge a integração (transcendência na imanência). Nesse momento, o sujeito é “fonte de si mesmo”, mas, sabendo-se que, para tanto, ele já passou pela inevitável abertura à alteridade. O que define, então, a subjetividade do sujeito autônomo? Ela não é a subjetividade de um sujeito particular, mas a subjetividade identificava à comunidade intersubjetiva de uma humanidade que dispõe da lei. A ruptura da imanência monádica não supõe a transcendência contra a imanência, mas a transcendência como constitutiva da imanência, o que impede a ideia de uma absorção do *Outro* no *Mesmo* e leva à emergência de um sujeito (superação da identidade a si

---

<sup>11</sup> Ver Lévinas, E., “Humanisme de l’autre homme”, Fata Morgana, Paris, 1972.

da consciência narcísica em direção a uma forma superior de identidade, a identidade do sujeito autônomo pelo viés da transcendência).

A experiência ética (ou o sujeito da ética) implica a sujeição (a heteronomia em Kant sob a forma do *imperativo categórico*), mas, implica, simultaneamente, a intencionalidade da ética. Esta vai além da heteronomia e da sujeição (o que Lévinas não menciona). Quando falamos em intencionalidade da ética, estamos nos referindo a um projeto ético que inclui o surgimento da responsabilidade, o advento de um sujeito moral que transita no horizonte da autonomia. A autonomia, ao contrário do que afirma Lévinas, é o espaço da transcendência sobre o qual culmina a ruptura da imanência.

A dificuldade inerente à noção de responsabilidade originária está em supor, como faz Lévinas, a alienação da identidade pela simples aproximação do outro. O sujeito definido como responsabilidade que antecede a intencionalidade não é capaz de enxergar a intencionalidade da ética, circunscrevendo-se, exclusivamente, ao terreno da sujeição, à abertura ao dever (o que não deixa de ser uma “ferida” imposta ao *Eu* monádico). Uma subjetividade definida não pelo seu poder de escolha (a liberdade), mas por uma responsabilidade originária, configura a condição de “refém do outro” do sujeito, o que conduz o sujeito da ética, em Lévinas, a uma condição de iminente passividade (subjetividade sem liberdade). Diferentemente das colocações de Lévinas, a valorização da autonomia não representa uma ênfase no aprisionamento da imanência, mas a abertura à alteridade que rompe com esta última, sem supor a sujeição do *Eu* ao *Outro*.

## Referências

LÉVINAS, E. **Totalité et infini**. Paris: M. Mijhoff, 1965.

LÉVINAS, E. **Humanisme de l'autre homme**. Paris: Fata Morgana, 1972.

LÉVINAS, E. **Le temps et l'autre**. Paris: Coll. Avadrigé, 1983.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**, Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1997.

PLATÃO. **Col. Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SARTE, J. P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 24<sup>a</sup> ed., 2014.

**Resumo:** O presente artigo visa discutir o pensamento de E. Lévinas acerca das categorias de intencionalidade, transcendência, desejo e alteridade. Com base em sua compreensão do que define o ato do sujeito amoroso, o autor rompe com a perspectiva platônica da contemplação do suprasensível e estabelece, simultaneamente, uma relação entre as categorias da alteridade e do feminino associado a uma concepção específica do desejo.

**Palavras-chave:** intencionalidade; desejo; alteridade.

**Abstract:** This article aims to discuss the thought of E. Lévinas about the categories of intentionality, transcendence, desire and otherness. Based on his understanding of what defines the act of the loving subject, the author breaks with the Platonic perspective of the contemplation of the suprasensible and establishes, simultaneously, a relationship between the alterity and feminine categories with a specific conception of desire.

**Keywords:** intentionality; desire; otherness.

*Recebido em: 10/09/2022.*

*Aceito em: 07/12/2022.*